ASPECTOS IMPORTANTES PARA O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

RENATA ZEFERINO DA SILVA SANTIAGO

RESUMO

Este trabalho propõe uma reflexão sobre aspectos importantes para o processo de alfabetização. Procurou-se apresentar neste estudo alguns caminhos percorridos pela alfabetização no decorrer dos tempos envolvendo o leitor, trazendo explicitações de sobre e como é a alfabetização, pois apesar de existir uma grande quantidade de professores, ainda falta uma demanda de alfabetizadores reais, onde conheçam os princípios da alfabetização, os medos e conflitos que rodeiam os alfabetizados, e como, de forma clara e objetiva, estar sanando este problema. A escrita é outro dilema, pois apesar de ser um meio acessível a todos, por estarem nas ruas em outdoors, letreiros e fachadas, cartazes entre outros, há um tabu entre o educando e a escrita, devendo ser o professor um mediador desses confrontos, esclarecendo o aluno, que escrever é fácil e qualquer um pode assim o fazer. Quanto à leitura, devemos ressaltar que muitos que sabem escrever por vezes não sabem ler, ou se leem, não consideram a leitura inicial da criança, onde ela associa nomes a objetos, isso ela começa a fazer desde quando aprende a falar. Os professores devem, porém, respeitar o ritmo de cada criança, no contexto da aprendizagem.

Palavras-chave: Leitura; Escrita; Alfabetização.

ABSTRACT

This work proposes a reflection on important aspects for the literacy process. We sought to present in this study some paths taken by literacy over time involving the reader, bringing explanations about and how literacy is, because despite the existence of a large number of teachers, there is still a lack of demand for real literacy teachers, where they know the principles of literacy, the fears and conflicts that surround the literate, and how, in a clear and objective way, to solve this problem. Writing is another dilemma, because despite being a means accessible to everyone, as they are on the streets on billboards, signs and facades, posters, among others, there is a taboo between the student and writing, and the teacher should be a mediator of these confrontations, clarifying the student that writing is easy and anyone can do it. As for reading, we must emphasize that many who know how to write sometimes do not know how to read, or if they read, they do not consider the child's initial reading, where he associates names to objects, this he starts to do when he learns to speak. Teachers must, however, respect each child's pace in the context of learning.

Keywords: Reading; Writing; Literacy.

INTRODUÇÃO

Procurou-se nesta pesquisa fornecer alguns elementos da escrita, que estão presentes na maior parte de nossas atividades cotidianas e dela lançamos mão para dar conta de grande parte de nossas ações.

Em contrapartida a escola por sua vez não tem levado em conta à existência desta escrita diversificando a evolução das diversas modalidades de leitura, voltada a um imutável de leitura, somente à escrita dos livros, à escrita literária.

O processo de aprendizagem da leitura, que é lendo que se aprende a ler, é através da experiência que criança desenvolve a capacidade de mobilizar estratégias básicas para o ato da leitura. Há diferença entre ver, ouvir e escutar.

Fazer parte do espaço escolar é manter um estudo constante, para que se possa oferecer um trabalho coerente com a área da qual se faz parte; questionando e motivando a criança, para que trilhe um caminho de equilíbrio cognitivo e chegue à conquista de novos conhecimentos.

À medida que os anos passam, fica mais fácil encontrar meios de alfabetizar, porém há uma condição que muitos se esquecem: o que é alfabetizar e como assim o fazê-lo? Muitos ficam no meio da caminhada e esperam os que passam para pegar seu rastro. Mas não é bem assim que acontece, o professor deve ser um mediador do conhecimento, portanto, deveria ter em mente as respostas para tais perguntas.

Para alfabetizar, deve-se conhecer esse processo, desde a história da civilização, pois esta surgiu com a escrita aos dias de hoje.

Dessa maneira, este estudo justifica-se pela importância da reflexão e compreensão sobre os aspectos importantes para o processo de alfabetização, sendo abordados alguns aspectos relacionados à leitura e a escrita, bem como, expor como se dá a alfabetização, levando em consideração alguns transtornos que interferem na mesma.

Disserta-se ainda sobre a relação professor aluno e as concepções pedagógicas sobre alfabetização.

A metodologia utilizada para este trabalho foi a pesquisa bibliográfica de especialistas nesta área, seminários, artigos e dissertações que abordam esta temática.

LEITURA, ESCRITA E ALFABETIZAÇÃO

A noção de que ler é uma atividade que se utiliza dos olhos e da boca passa por todas as séries, mas se encontra mais nas séries iniciais desde que a criança é exposta a uma situação de leitura, ela anuncia o desenvolvimento dessa aprendizagem.

A presença da escrita por meio de suas formas e usos permite-nos considerar uma diversidade de condições, como leitor. O que por sua vez vai sendo transformado, refinado e assim aperfeiçoa suas estratégias, conforme a solicitações externas.

Assim parece possível uma mudança de orientação do ensino escolar da leitura de modo a eliminar exigências específicas que reproduzem diferenças sócias culturais entre as crianças desde que a concepção de leitura subjacente a essas exigências seja colocada em questão, trata-se de abandonar uma crença milenar. As bases alfabéticas da formação do leitor.

As recentes investigações parecem indicar certa semelhança entre o processo

de aprendizagem e falar, é bem provável que, lendo a criança aprenda a ler.

Suscitou-se este tema, com base em diversas indagações e inquietações que por muito tempo impulsionaram-nos a buscas incessantes das “misteriosas” ramificações casuísticas que justificassem as dificuldades de leitura e escrita, em indivíduos com bom nível de inteligência e desempenho, em outras áreas do conhecimento.

A pedagogia assim como a psicopedagogia veio responder a várias questões que a muito fazia a mim mesma como, por exemplo, quais seriam os fatores mantedores destes entraves? Qual sua origem e preponderância ao ponto de interferir com tanta veemência no sucesso escolar do indivíduo. O que fazer para ajudá-lo a superar estas dificuldades?

Inicialmente, na tentativa de encontrar teorias esclarecedoras destes aspectos, debruçamo-nos em estudos epistemológicos, metodológicos, neurológicos e pedagógicos. Podemos aí constatar que cada corrente teórica, entretanto, contextualiza seu objeto de estudo em determinantes específicos de acordo com verdades desconsideram outras variáveis que poderiam circunscrever o processo de causa efeito, no ensino aprendizagem.

Esclarecedoras de alguns pontos, porém, relegam outras à obscuridade. Limita-se á esfera cognitiva ou orgânica, reduzindo o campo de atuação e compreensão dos profissionais que lidam com esta problemática, principalmente no que diz respeito às elaborações subjetivantes, tão fundamentais quanto às objetivantes, no que tange à aprendizagem.

A pedagogia veio classificar e amenizar nossas angústias e sensação de fracasso nos casos onde não conseguíamos transpor as barreiras do orgânico e os limites dos recursos puramente pedagógicos. Alicerçadas aos princípios e teorias de Sara Paín (1992) e Alicia Fernandez (2007) pode-se reconhecer na Psicopedagogia uma fonte rica e inesgotável de uma postura clínica que pressupõe um olhar e uma escuta do sujeito em sua plenitude, como ser pensante e desejos, possuidor de inteligência, corpo, organismo e desejos ao interagir como o outro no espaço onde ocorre a circulação do conhecimento.

É certa a teoria Piagetiana, tão bem representada no modelo pedagógico construtivista, esteja trazendo importantes contribuições às escolas ao se propor compreender o sujeito epistêmico em seus processos de evolução cognitiva.

Porém, sem pretensão de descartá-la, deixa lacunas por não esclarecer o porquê que determinados indivíduos, com boa capacidade de raciocínio, com assistência pedagógica fiel aos seus princípios e com ampla gama de recursos alfabetizadores, ainda assim se mostram impossibilitados de chegar ao fim do processo da lecto-escrita.

Sem dúvida que pelas epistemologias genéticas várias hipóteses poderiam ser revistas, porém não ultrapassariam o âmbito dos aspectos adjetiváveis. Já a Psicopedagogia, se aprofundaria levando em conta além deste, os aspectos subjetivantes, dirigindo o seu olhar e escuta não só aos conteúdos manifestos, mas também aos latentes.

O crucial desta abordagem não se dirige tão somente à inteligência, mas á articulação entre esta, o corpo e desejo, numa relação estreita dentro do espaço onde ocorre o ensino aprendizagem.

A autonomia de pensamento, o poder pensar o outro e as coisas sem ter que reproduzir um modelo e a condição humana mais desejada e que se constitui no objetivo maior da pedagogia e da psicopedagogia clínica. E o aprisionamento da inteligência, a inibição do desejo de aprender, o seu objeto de estudo.

O eixo central deve estar na pessoa como um todo aquele que busca restaurar seus desejos e a liberdade de pensar, que outorga seu sabe e conhecer, num movimento contínuo com o outro e representados pelas instituições educativas e sociais.

De forma mais específica, de acordo com a Alicia Fernandes (2007), em seu livro "A mulher escondida na professora" e como tema central deste trabalho. Os distúrbios de leitura e escrita devem ser abordados, sobre os seguintes aspectos:

Situar a alfabetização e seus transtornos na situação de ensino aprendizagem, atravessada por determinantes sociais, educativos, inconscientes e conscientes, entendendo a alfabetização e seus distúrbios como um processo que tem a ver com a construção da própria palavra, como autonomia de pensamento, com a autorização para a autoria, demarcando a alfabetização e seus distúrbios dentro de uma situação vincular e institucional, entre uma pessoa que aprende e uma pessoa que ensina em um lugar e tempo determinados.

Se o professor não encontra em cada processo de alfabetização, uma situação de aprendizagem para ele muita problemas chamados de aprendizagem serão problemas e ensino "mascarados", portanto é necessário entender o processo de alfabetização como uma construção cognitiva dramática, simbólica e instrumentada pela corporeidade que por sua vez a instrumenta.

As dificuldades na leitura e na escrita, responde à hipótese das duas elaborações: objetiva e subjetiva. Poderiam ser entendidos como um grito mítico, construído pelo corpo, inteligência e pelo desejo, que acionam em conjunto sobre o material apontado pelo organismo e pela realidade externa, situando a gênese da leitura e da escrita na gênese da palavra e na construção de um corpo sexuado.

A construção da leitura e da escrita começa muito antes da criança ir à escola sabendo caminhar, falar e escutar. E escrever é ler é dar transcendência no tempo e no espaço ao caminhar, falar e escutar.

Nesse sentido, Fontana e Cruz (1997) destacam:

As crianças trazem consigo experiências diversas com a escrita, suposições acerca de seu funcionamento, mas se veem impedidas de explicitá-las na escola. Querem aprender, mas nem sempre a escola se dispõe a ensinar a elas o que desejam. (FONTANA e CRUZ, 1997, p. 212).

Paradoxalmente o lema de muitas escolas é: quietas, caladas, paradas, se contrapondo aos primeiros indícios se sua construção dos mecanismos da leitura e escrita.

A alfabetização começa quando os pais e a sociedade dão ou tiram da criança o direito de pensar, de ser autônomo e autor de sua própria história.

Acredita-se ser possível seguramente reconstruir um espaço para a reconstrução da leitura e da escrita, a partir das considerações supras citada, e das essências teóricas da Psicopedagogia, abordados neste capítulo ao mesmo tempo em que se pode construir e elaborar a cada passo deste trabalho, a uma genuína aprendizagem.

Pode-se dividir a história da leitura e escrita em três períodos principais: iniciando pela antiguidade até meados do século XVIII marcado pelo método sintético, passando pelo século XVIII, no qual se iniciou um processo de oposição teórica do método sintético pelos percussores do chamado método global, oposição esta que se efetivará no início do século XX, com Decroly, e por fim o atual, em que, ultrapassando a batalha entre defensores d método sintético do método analítico questiona-se aquilo que é fundamental desses dois métodos: será preciso passar pela mediação de fala para aprender a ler? Em outras palavras: o comportamento visado ler pressupõe e passagem obrigatória pelo oral.

A dinâmica já apontada de ruptura e continuidade, pedagogia da alfabetização tem disposições até esses dois caminhos: o método de marcha sintética e o método de marcha analítica, ambos visam levar à criança a compreensão da existência de uma correspondência entre os signos do enigma escrito e os sons da língua oral.

A variação desses dois caminhos fez surgir procedimentos de características especiais e originais, tais como os de “Frenet e Montessori”. Mas nesses casos, trata-se da introdução de fatores suplementares que não colocam em questão as características básicas de outro método. As diferenças situam-se somente ao nível dos procedimentos ao das técnicas adotadas como um esquema somatório.

Pela soma dos elementos mínimos: o fonema ou a sílaba. O aprendiz aprende a palavra pela somatória das palavras, a frase do texto. O caminho analítico parte dos elementos de significação da língua como palavra, frase e conto. E por uma operação de análise, apalavra é segmentada em seus elementos mínimos: o fonema ou a sílaba.

No entanto tais abordagens se opõem quanto às operações básicas que envolvem síntese e análise. Contudo as duas têm um acordo em comum, no qual para aprender a ler a criança deve estabelecer uma correspondência entre o som e a grafia tanto para uma como para a outra, pois a criança aprende a ler oralizando a escrita, esse fato é hoje colocado em questão, pois na atualidade, ler não é mais decodificar tal como Decroly intuiu no início do século.

PROBLEMAS QUE INTERFEREM NA ALFABETIZAÇÃO E A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NESSE PROCESSO

Generalizando, os problemas que interferem na alfabetização dividem-se em dois tipos:

1) patológico que são problemas

que interferem na apreensão de conteúdos em geral, em especial na alfabetização são: distúrbios na articulação, fonação e ritmo psicomotor, problemas de visão, eficiência auditivas, intelectuais como o retardamento mental e outras enfermidades de longa duração.

É causado por lesões leves ou graves e só um tratamento médico em conjunto ao modo de atuação do educador pode, se não sanar, minimizar o problema para que não aconteça um atraso significativo na alfabetização da criança e essa desista de aprender. Nestes casos, o professor alfabetizador deve fazer um estudo do caso, pois a deficiência na compreensão da linguagem devido à audição ou problemas na fala implica na incompreensão, na esquematização e representação dos sons em letras.

2) não patológicos seria os de ordem emocional ou comportamental, que valorizam-se crescentemente ao impacto do contexto sociocultural, as mudanças nos modos do convívio familiar e as formas de sociabilidade, das formas de individuação e de laço social.

Pesquisadores e psicólogos sociais além de psiquiatras concluem especialmente no tema da educação, que perfil dos alunos que não assimilam e não produzem devido à indisciplina ou dispersão em sala de aula interfere em toda a dinâmica do trabalho pedagógico.

Não só a assimilação dos conteúdos, mas a aprendizagem do aluno como um todo é prejudicada, pois este bem sua atenção das letras, sons e fonação e significado de palavras.

Outro fato problemático, embora pouco investigado e omitido pelo professor, seria o de métodos inadequados de ensino na pré-escola ou prérequisitos não observados, para facilitar a leitura e escrita, falta percepção, por parte do professor e falta maturidade da criança para poder expressar-lhe de maneira argumentativa.

Vivida como linguagem, a escrita é código, técnica, significado, objeto de conhecimento, forma de interlocução. É, enfim, um modo de agir, um modo de dizer as coisas. (FONTANA e CRUZ, 1997, p. 220).

Contudo um problema ainda mais grave que atinge diretamente a aprendizagem da escrita e a leitura é a dislexia. Está é uma doença que impede a criança, e persiste depois da idade adulta, de desenvolver a capacidade de recepção, expressão e integração condicionadas a função simbólica. Ela não consegue, literalmente, nomear as coisas em sua volta ao chamar na memória o que aprendeu.

Nosso interesse pela questão do relacionamento professor-aluno vem de épocas distantes, onde a escolarização ainda era coisa dos tempos da palmatória, e essa relação se limitava em perguntar e responder.

Contudo percebe-se que este assunto continua tema de muitas discussões e assim motivou-nos interesse com a questão do relacionamento do professor com a criança da pré-escola e em especial com as da alfabetização. Esta preocupação é fruto de várias indagações.

Como será nas salas de aula da pré-escola, o relacionamento professoraluno: ainda continua autoritário ou mudou alguma coisa? Os professores que assumiram

uma proposta pedagógica de respeito à personalidade da criança numa visão sócio interacionista adotam uma postura de autoridade pedagógica, sem autoritarismo?

Como facilitar, então o aprendizado da língua padrão?

Trazendo a escrita para dentro da sala de aula, trabalhando-a em suas funções e em todas as suas possibilidades; encorajando e ajudando as crianças a falar, escrever, divulgar sua produção; lendo e escrevendo para as crianças e com elas; expondo de forma organizada os trabalhos realizados e utilizando a escrita como recurso de organização; esclarecendo e informando às crianças sobre a escrita, respondendo a suas perguntas e também corrigindoas. (FONTANA e CRUZ, 1997, p. 219).

A preocupação com o relacionamento professor-criança na alfabetização é que, por estar iniciando o processo de leitura e escrita, a integração entre discente-docente é de grande importância, visto que a troca de experiência entre eles representa um elemento fundamental para a elaboração da leitura e da escrita. É o professor quem pode ou não garantir esse espaço de troca de modo a transformar esse intercâmbio numa interação produtiva para a criança.

Assim, justifica-se o interesse pela teoria sócio interacionista que, teoricamente, possibilita esta relação de troca de experiência entre criançacriança e professor-criança. Este trabalho procura mostrar como se estabelece o processo de interação na pré-escola, especialmente na alfabetização, salientando a importância de um vínculo específico professor-aluno no processo de aprendizagem.

É certo que o presente material não tem pretensões de sanar as deficiências que a alfabetização enfrenta, e nem sequer apresentar fórmulas definitivas de relacionamento professor-aluno.

O que pretende é alertar o professor a respeito deste problema e oferecer alguns subsídios teóricos e práticos para enfrentar, com mais profundidade teórica e segurança, a alfabetização.

Falar e escrever implica uma realidade que envolve a prática constante deste binômio, caracterizando um ato espontâneo de expor seus conceitos sobre qualquer valor, dentro de um vocabulário próprio que quantifica um ser falante e pensante que é o homem. Lembrando que o texto é a manifestação do ser humano através dos diversos tipos de linguagem, o conteúdo dela é valorizado pela variedade de significados, dependendo do contexto implantado.

O bom leitor sempre tem algum comentário e ou crítica a fazer, questionamentos a elaborar, numa descoberta provocada pela sensibilidade à leitura, pela consulta ao material lido, desenvolvendo através dele um senso crítico, não estereotipado, todavia não implicando, necessariamente, que seja um bom escritor.

A dificuldade em escrever, em repassar às linhas palavras que expressem e liberem a capacidade de atribuir dados interessantes ao texto nem sempre pode ser rotulado como falta de hábitos à leitura, maior responsável pela pobreza vocabular.

Livros revelam que a aprendizagem

da leitura é fundamental para a integração do indivíduo no seu contexto social, contudo o hábito da leitura abre novas perspectivas e permite posições críticas diante da realidade que o cerca, ou seja, dá-lhe nova visão e exige dele posturas de entendimento sobre os fatos; obrigando-o a falar, e a se expor por meio de textos que caracterizam sua autoria, oriundas do mundo da leitura.

Deve-se estimular o aluno leitor a compreender o texto, a interpretá-lo e a recriá-lo com seu vocabulário, criando novas situações e provocando dessa recriação outra produção formada por um autor diferente, embora suas intuições escritas tenham partido de uma sugestão inicial.

Nessa interação, a professora ensina, explícita e implicitamente, os aspectos mecânicos e estruturais da escrita, ao mesmo tempo em que demonstra para a criança que reconhece nela alguém capaz de aprender a ler e escrever. Também aprende a ouvir a criança, a entender o que ela tem a dizer sobre a escrita, a "ler" o que registra sobre o papel. Nessa relação, o conhecimento sobre a escrita é compartilhado, reconhecido e elaborado. (FONTANA e CRUZ, 1997, p. 214).

Nossa geração precisa escrever consertar seus deslizes que fogem às regras abordadas nas gramáticas e selecionar de maneira crítica e produtiva a ela, os tipos de leituras que lhe permitem o aceso a formas mais elaboradas de culturas, informando-lhes quanto às discussões diversas, sem, contudo esquecer-se do compromisso com o léxico e a construção de textos bem trabalhados.

Pensar é fundamental, pois é a intervenção do raciocínio em favor da escrita; é o conteúdo mais original que caracteriza a verdadeira produção de um texto; é o variante inconfundível de seu autor traduzido em palavras que exprimem vários significados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se não haver receita única que se possa utilizar em todos os grupos de crianças. A nosso entender o professor na verdade é mais um dos membros do grupo e o processo de ensino aprendizagem depende da dinâmica de todos esses grupos. As classes são sempre heterogêneas, o ritmo de aquisição do conhecimento é individual. E está aí o principal desafio para o professor que se propõe a alfabetizar: o que fazer com as diferenças individuais? Como sugerir uma lição a uma classe em que a maioria das crianças não está alfabetizada?

A solução é relativa e depende do grupo com que se trabalha, porém como vimos durante o transcorrer do trabalho, não podemos deixar de fora a importância de o aluno que já está em fase mais avançada, auxiliar a que ainda tem essa dificuldade. O professor continua tendo sua função, mas com seus intermédios que estarão sempre dispostos a ajudar, assim, estes reforçam também seus conhecimentos.

Percebeu-se que alfabetizar, não é simplesmente jogar uma grande quantidade de tarefas para que as crianças as realizem, é, sem dúvidas, colocar conhecimentos já adquiridos anteriormente, ou seja, aprende-se a ler e a escrever fora da